

RAY BRADBURY

PRAZER
EM
QUEIMAR
HISTÓRIAS DE
FAHRENHEIT 451

tradução:

Antônio Xerxenesky e Bruno Cobalchini Mattos



BIBLIOTECA AZUL

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

O reencarnado

Pilar de fogo

A biblioteca

Fênix brilhante

Os feiticeiros loucos de Marte

Carnaval da loucura

Fogueira

Um grilo na lareira

O pedestre

O lixeiro

O sorriso

Muito depois da meia-noite

O bombeiro

Histórias-bônus

O dragão que comeu a própria cauda

Um pouco antes do amanhecer

Para o futuro

Notas

Créditos

NOTA INTRODUTÓRIA

RAY BRADBURY DEFINIA A criação de *Fahrenheit 451* como “cinco pulos breves e um grande salto”. Os contos presentes neste livro são a gênese de sua grande obra, mas cinco deles em especial, escritos em um período de dois a três anos, formam os pulos breves a que ele se referia: “Fogueira”, “Fênix brilhante”, “Os feiticeiros loucos de Marte”, “Carnaval da loucura” e “O pedestre”, na ordem em que foram escritos. O grande salto foi com a novela cuja forma final mais se assemelha a *Fahrenheit 451*, “O bombeiro”. O rascunho inicial desta história foi batizado de “Muito depois da meia-noite”, e também está contida neste livro; o leitor poderá perceber as semelhanças entre eles, como quem observa o mapa de um caminho criativo. Em todas as narrativas deste volume, no entanto, há os elementos que inspiraram Bradbury a escrever sua obra-prima: a censura, a crítica social, a destruição, as referências às artes e o amor pelos livros.

O REENCARNADO

DEPOIS DE UM TEMPO, você consegue superar o complexo de inferioridade. Possivelmente. Quanto a isso, não se pode fazer nada. Só tome cuidado ao andar por aí à noite. O sol quente certamente é difícil para você. E as noites de verão não ajudam muito. Então, é melhor esperar um clima mais fresco. Os primeiros seis meses são os piores. No sétimo mês, a água escorre e os vermes aparecem. Pelo fim do oitavo mês, a sua utilidade mingua. Por volta do décimo mês, você jaz exausto, chorando, enlutado, sem lágrimas, e então saberá que não conseguirá se mexer nunca mais.

Mas antes de isso acontecer, há muito a ser pensado e concluído. Muitos pensamentos para renovar, muitos prazeres e desprazeres serão revirados pela sua mente antes que as laterais de seu crânio desabem.

Isso é novo para você. Você renasce. E seu útero tem costura de seda, um cheiro agradável de tuberosa e linho, e antes do seu nascimento nenhum som é ouvido a não ser a pulsação de bilhões de corações de insetos na Terra. Seu útero é de madeira, metal e cetim; não o alimenta, oferece apenas

uma implacável fresta de ar estagnado, um bolsão dentro da mãe terra. E agora só há uma maneira de você sobreviver: receber um tapa nas costas de uma mão emocional para que você se mexa. Um desejo, uma vontade, uma emoção. Ao perceber isso, você se levanta e bate a testa na madeira forrada de seda. Sente uma descarga de emoções chamando você. Se não for forte o bastante, você se deitará outra vez, cansado, e não se levantará mais. Mas se de alguma forma você encorajar isso, se patear o ar, se trabalhar monotonamente, com lentidão, por vários dias a fio, encontrará maneiras de deslocar a terra, um centímetro por vez, e numa bela noite você fará a escuridão desmoronar: a saída está pronta, e você se contorce para avançar e ver as estrelas.

Agora você está de pé e se deixa conduzir pela emoção enquanto uma antena esguia treme, guiada por ondas de rádio. Você alinha os ombros, dá um passo, como um filhote recém-nascido, cambaleia, busca um apoio — e encontra um pedaço de mármore onde se escorar. Sob seus dedos tremulantes, a breve história de sua vida está inscrita de maneira demasiado lacônica: Nasceu — Morreu.

Você é um pedaço de pau. Aprender a se endireitar, a caminhar naturalmente, não é fácil. Mas não se preocupe. A força dessa emoção é intensa demais, e você prossegue, deixando a terra dos monumentos, caminhando pelas ruas crepusculares, sozinho nas calçadas pálidas, passando por muros de tijolos, descendo trilhas de pedregulhos.

Você sente que deixou algo incompleto. Em algum lugar, há uma flor que você não viu e gostaria de ver, uma piscina esperando seu mergulho, um peixe que não foi pescado, lábios

não beijados, uma estrela despercebida. Você vai voltar para algum lugar e terminar o que deixou incompleto.

Todas as ruas ficaram estranhas. Você adentra uma cidade que nunca viu, uma espécie de cidade dos sonhos à beira de um lago. Agora, tem mais certeza de que está caminhando de fato, e consegue fazer isso com destreza. A memória volta.

Você conhece cada pedregulho dessa rua, cada lugar onde o asfalto borbulhou nas betoneiras, no forno quente do verão. Você sabe onde os cavalos eram amarrados em postes de ferro, suando na grama verde, tanto tempo atrás que a memória em seu cérebro parece um verme frágil. Esse cruzamento, onde a luz brilha no alto, feito uma aranha cintilante tecendo uma teia de luz sobre esse espaço da solidão. Você escapa rapidamente dessa teia para adentrar as trevas dos plátanos. Uma cerca de madeira dança sob os dedos que a apalpam. Quando criança, você correu por ela segurando um pedaço de pau e provocando ruídos dignos de uma metralhadora, rindo.

Essas casas, com essas pessoas e a lembrança das pessoas que moravam nelas. O cheiro de limão da velha sra. Hanlon que morava ali, lembra? Uma senhora ressequida, com mãos e gengiva ressequidas, quando seus dentes cintilavam diante da vitrine do armário, sorrindo para todos os seuseus de porcelana. Ela lhe dava um sermão ressequido todos os dias por ter cortado caminho em meio às petúnias. Agora ela está completamente ressequida, como a página de um papel antigo queimado. Lembra como os livros queimam? Agora ela está assim em seu túmulo, toda enrolada, uma camada embaixo da outra, contorcendo-se numa agonia putrefata e muda.

A rua está em silêncio, exceto pelos passos de um homem. O homem vira numa esquina e você colide, inesperadamente, contra ele.

Os dois dão um passo para trás. Por um instante, enquanto ambos se examinam, vocês compreendem algo acerca um do outro.

Os olhos do estranho são como chamas contidas no fundo de recipientes gastos. É um homem alto e magro, com um belo terno escuro, loiro, uma brancura flamejante nas bochechas protuberantes. Logo depois, ele se curva de leve, sorrindo.

— Você é novo por aqui — diz ele. — Nunca vi você antes.

E você descobre, então, *o que* ele é. Também está morto. Também está caminhando. Ele é “diferente”, assim como você.

Você sente essa diferença.

— Por que está andando com tanta pressa? — pergunta ele, educado.

— Não tenho tempo para conversa — você diz, a garganta seca e encolhida. — Preciso ir a um lugar, só isso. Por favor, se puder me dar licença.

Ele segura com força em seu ombro.

— Sabe o que eu sou? — Ele se curva, aproximando-se. — Não notou que somos da mesma legião? Os mortos que andam. Somos irmãos.

Você se agita, impaciente.

— Eu... não tenho tempo para isso.

— Não — ele concorda. — Também não tenho tempo para desperdiçar.

Você avança, roçando ao passar, mas não consegue se livrar do homem, pois ele caminha ao seu lado.

— Sei aonde você está indo.

— Sabe, é?

— Sim — diz ele, de um jeito casual. — Para algum lugar de sua infância. Algum rio. Alguma casa ou lembrança. Alguma mulher, talvez. Algum sítio de um amigo. Ah, eu sei, pode ter certeza, sei tudo a respeito da nossa espécie. Eu sei — ele diz, sacudindo a cabeça, entre a luz e a sombra que passam.

— Sabe mesmo, é?

— É sempre esse o motivo por que os mortos caminham. Descobri isso. É estranho pensar em todos os livros que já se escreveram sobre mortos, vampiros, cadáveres que andam e tudo mais, e que nenhum autor de nenhuma dessas obras tão valiosas jamais tenha falado sobre o verdadeiro segredo que faz os mortos andarem. O motivo é sempre o mesmo: uma lembrança, um amigo, uma mulher, um rio, um pedaço de torta, uma casa, um gole de vinho, tudo, qualquer coisa, ligado à vida e a ESTAR VIVO! — Ele fechou o punho para agarrar as palavras com força. — Vida! Vida REAL!

Sem palavras, você acelera o passo, mas os sussurros dele o seguem:

— Você precisa me encontrar mais tarde, à noite, amigo. Vamos encontrar os outros, hoje à noite, amanhã à noite, e todas as noites, até vencermos.

Apressadamente:

— Que outros?

— Os outros mortos. — Ele fala de um jeito sinistro. — Estamos nos organizando contra a intolerância.

— Intolerância?

— Somos uma minoria. Os recém-mortos, os recém-embalsamados, os recém-enterrados, somos uma minoria no mundo, uma minoria perseguida. Existem leis contra nós. Não temos direitos! — declara ele num tom acalorado.

O concreto freia sob os seus calcanhares.

— Minoria?

— Sim. — Ele o pega pelo braço, com confiança, agarrando-o com mais força a cada nova afirmação. — Somos desejados? Não! Gostam de nós? Não! As pessoas sentem medo de nós! Somos conduzidos como ovelhas até uma pedreira de mármore, e aí gritam conosco, nos atiram pedras e nos perseguem, como os judeus da Alemanha! As pessoas nos odeiam porque sentem medo. Isso está errado. E digo mais, é injusto! — Ele grunhe. Levanta as mãos, irritado, e golpeia o ar. Agora você parou, contido pelo sofrimento que ele arremessa na sua direção, de corpo todo, causando impacto. — Justo, justo, é justo? Não. Deixa eu lhe perguntar. É justo que a gente, uma minoria, apodreça nos nossos túmulos enquanto o resto do continente canta, ri, dança, brinca, rodopia e gira e enche a cara? É justo que eles se amem enquanto nossos lábios murcham no frio, que eles se acariciem enquanto nossos dedos viram pedra, que eles façam cócegas uns nos outros enquanto os vermes nos distraem?

— Não! Eu brado! É inacreditavelmente injusto! E eu digo: vamos acabar com eles, vamos acabar com quem tortura a nossa minoria! Temos os mesmos direitos — ele grita. — Por que nós estamos mortos, e não os outros?

— Talvez você tenha razão.

— Eles nos jogam pra baixo e atiram terra em nossas caras brancas, colocam uma pedra entalhada sobre nosso peito, que pesa em cima da gente, enfiam flores numa lata velha e a enterram num buraco uma vez por ano. Uma vez por ano? Às vezes nem isso! Ah, como eu odeio eles, ah, como cresce dentro de mim, como floresce esse desprezo pelos vivos. Esses imbecis. Grandes imbecis! Dançando a noite toda, amando, enquanto nos reclinamos inertes, cheios de paixão desintegrante e desamparada! Você acha isso certo?

— Nunca tinha pensado a respeito — você diz, de forma vaga.

— Bom — ele bufou —, bom, a gente vai dar um jeito nisso.

— O que vocês vão fazer?

— Milhares de nós se reunirão hoje à noite no Parque Elísio, e eu sou o líder! Nós vamos destruir a humanidade! — ele grita, jogando os ombros para trás, erguendo a cabeça com rígida rebeldia. — Estivemos negligenciados por muito tempo, e vamos matá-los. É o correto a se fazer. Se não podemos viver, eles tampouco têm direito à vida! E você virá, certo, amigo? — ele pergunta, esperançoso. — Convenci muitos, falei com multidões. Você virá nos ajudar. Você está amargurado por esse embalsamento e essa supressão, não está? Do contrário, não estaria andando por aí à noite. Junte-se a nós. Os cemitérios do continente explodirão como maçãs que passaram do ponto, e os mortos transbordarão nos vilarejos! Você virá?

— Não sei. Sim. Talvez eu vá — você diz. — Mas agora preciso ir. Antes eu preciso encontrar um lugar. Eu vou, sim.

— Que bom — ele diz, enquanto você se afasta, deixando-o na sombra. — Muito bom, muito bom.

Agora você sobe o morro o mais rápido que pode. Graças a Deus, há frio sobre a Terra hoje à noite. Se fosse uma noite quente, seria terrível estar acima do solo na sua condição.

Você suspira de alegria. Lá está, em toda a sua magnificência rococó, a casa onde Vovó abrigava os pensionistas. Onde você, ainda criança, sentou na varanda na festa de Quatro de Julho, vendo foguetes subirem ao céu numa espuma incandescente, os cata-ventos girando, cuspidos centelhas, os rojões golpeando seu ouvido após serem lançados do canhão metálico de Tio Bion, que adorava barulho e gastou cinquenta dólares em fogos de artifício só para explodi-los com o cigarro que ele mesmo enrolava.

Agora, de pé, tremendo de emoção ao recobrar esses momentos, você entende por que os mortos caminham. Para ver coisas como essa de novo. Aqui, nas noites em que o orvalho invadia a grama, vocês esmagavam as folhas e as pétalas úmidas enquanto seus corpos de menino lutavam no chão, e vocês conheciam a doçura do agora, agora, ESTA NOITE! Quem se importa com o amanhã, o amanhã não é nada, o ontem já foi e já era, viva essa noite, essa noite!

Dentro daquela casa alta e antiga ocorriam as incríveis noites de sábado, o feijão cozido aos montes, saturado com sua suculência espessa, acompanhado por plataformas de bacon. Ah, sim, tudo isso. E aquele piano preto enorme que gritava quando você bancava o dentista musical manuseando aqueles dentes...

E aqui, aqui, meu amigo, lembra? Essa é a casa da Kim. Aquela luz amarela, aos fundos, aquele é o quarto dela. Você acha que ela está ali dentro agora, pintando seus quadros ou lendo seus livros? Olhe por um instante para aquela casa, a varanda, o balanço diante da porta onde você se sentava nas noites de agosto. Pense nisso. Kim, sua esposa. Logo você a verá outra vez!

Você escancara o portão e sobe apressadamente. Pensa em chamá-la, mas, em vez disso, entra silenciosamente pela lateral. Os pais dela ficariam loucos se o vissem. O choque de Kim já seria ruim o bastante.

Esse é o quarto dela. Reluzente, quadrado, suave e vazio. Alimente-se disso. Não é bom voltar a ver este lugar?

Sua respiração forma na janela o símbolo de sua ansiedade; o vidro gelado é coberto pela névoa borrando os detalhes maravilhosos e precisos da existência dela naquele lugar.

Quando a névoa desaparece, surge a forma do quarto. O lençol rosa sobre a cama macia e baixa, o piso amadeirado, encerado; tapetes que parecem cachorros muito peludos cambaleando no centro. O espelho. A pequena penteadeira, onde realiza sua magia como se fosse uma pantomima simples. Você aguarda.

Ela entra no quarto.

O cabelo dela é como uma lamparina queimando, preso atrás das orelhas graças ao movimento. Ela parece cansada, tem os olhos semicerrados, mas mesmo nessa luz precária são azuis. Seu vestido é curto e ajustado à sua silhueta.

Sem fôlego, você, colado na casca gelada do vidro, ouve uma canção como se ela viesse das profundezas dos mares. Ela

canta tão suavemente que as notas se tornam um eco antes mesmo de sair de sua boca. Você se pergunta no que ela pensa ao cantar e pentear o cabelo diante do espelho.

O mar gelado dentro de você se agita e se debate. É certo que ela pode ser capaz de ouvir o trovão gélido do seu coração!

Sem pensar, você bate de leve.

Ela continua penteando o cabelo com suavidade, pensando ser apenas o vento de outono do lado de fora.

Você bate de novo, ansioso, com um pouco de medo.

Dessa vez ela larga o pente e a escova e se levanta para investigar, calma e confiante.

De início, ela não vê nada. Você está nas sombras. Ao caminhar em direção à janela, ela foca os olhos nas partes reluzentes do vidro. Então ela olha através dele. Enxerga uma figura apagada no escuro. Ela ainda não o reconhece.

— Kim! — Você não se segura. — Sou eu! Estou aqui!

Seu rosto ansioso avança em direção à luz, como um corpo submerso que precisa emergir da correnteza escura, flutuando de repente, triunfante, com olhos negros fulgurantes!

As bochechas dela perdem a cor. As mãos se abrem para deixar escapar a sanidade, que sai voando em asas estranhas. As mãos se fecham outra vez para recapturarem o último pensamento são. Ela não grita. Mas seus olhos estão escancarados como as janelas de uma casa branca quando cai um raio aterrorizante numa tempestade de verão, sem sombra, vazias e prateadas por causa daquele disparo incrível de poder!

— Kim! — você grita. — Sou eu!

Ela fala o seu nome. Ela forma a palavra com uma boca dormente. Nenhum dos dois escuta. Ela quer sair correndo,

mas, em vez disso, por insistência sua, ela abre a janela e, soluçando, você escala em direção à luz. Você bate a janela e fica ali, cambaleante, enquanto ela se encontra do outro lado do quarto, grudada contra a parede, crucificada de medo.

Você chora, desesperado. Suas mãos se erguem na direção dela, num gesto de fome antiga e desejo.

— Ah, Kim, faz tanto tempo...

O TEMPO NÃO EXISTE. Por cinco longos minutos, você não se lembra de nada. Você deixa o torpor. Você se encontra na borda macia da cama, encarando o chão.

Nos seus ouvidos, o choro dela.

Ela se senta diante do espelho, os ombros se movendo em agonia, como asas que tentam voar, enquanto ela profere esses sons.

— Sei que estou morto. Eu sei. Mas o que posso fazer com esse frio? Quero estar perto do seu calor, que é como uma fogueira numa floresta imensa e gélida, Kim...

— Seis meses — ela suspira, descrente. — Faz seis meses que você se foi. Vi a tampa do caixão se fechar na sua cara. Vi a terra caindo no caixão feito o barulho de um tambor. Eu chorei. Chorei até que restasse apenas um vácuo. Não tem como você estar aqui agora...

— Mas eu *estou*!

— E o que a gente pode fazer? — ela se pergunta, abraçando o próprio corpo.

— Não sei. Agora que eu a vi, não quero voltar para aquela caixa. É uma crisálida de madeira horrível, Kim, não quero

passar por essa metamorfose...

— Por que, por que, por que você veio?

— Estava perdido no escuro, Kim, e sonhei profundamente com você, debaixo da terra. Eu me retorci no sonho, como uma cigarra-periódica que se levanta depois de tantos anos. Precisava encontrar meu caminho de volta, de algum jeito.

— Mas você não pode ficar aqui.

— Só até o sol nascer.

— Paul, não tire o meu sangue. Eu quero viver.

— Não é assim que funciona, Kim, não sou desse tipo. Sou só eu.

— Você está diferente.

— Sou o mesmo. Ainda amo você.

— Você tem inveja de mim.

— Não, não tenho, Kim. Não tenho inveja.

— Somos inimigos, Paul. Você não pode mais amar. Eu estou viva e você, morto. Somos opostos por natureza. Somos inimigos naturais. Sou o que você mais deseja, e você representa o que eu menos desejo, a morte. É o oposto do amor.

— Mas eu amo VOCÊ, Kim!

— Você ama a minha vida e o que significa estar vivo, não consegue entender?

— Não consigo *mesmo*! Porque estamos os dois sentados aqui, falando em termos científicos, filosóficos, quando deveríamos estar rindo e felizes de ver um ao outro.

— Não quando existe a inveja e o medo entre nós, como se fossem uma rede. Eu amei você, Paul. Amei o que fizemos juntos. Os processos, a dinâmica do nosso relacionamento. As

coisas que você disse, os pensamentos que teve. Essas coisas eu ainda amo. Mas, mas...

— Ainda penso essas coisas, e penso nelas sem parar, Kim!

— Mas estamos distantes.

— Não seja cruel, Kim. Tenha piedade!

O rosto dela cede. Ela constrói uma jaula ao redor do rosto com seus dedos convulsivos. Palavras escapam da jaula:

— Piedade é amor? É, Paul?

Há um cansaço amargurado na respiração dela. Você se levanta.

— Vou enlouquecer se continuarmos com isso!

Cansada, a voz dela responde:

— Os mortos podem enlouquecer?

Você caminha na direção dela, apressado, tira as mãos, levanta o rosto dela, ri com toda a alegria falsa que consegue fingir:

— Kim, apenas me escuta! Escuta! Querida, eu poderia vir aqui todas as noites! A gente podia conversar como antes, fazer o que fazia. Seria como era um ano atrás, brincaríamos, nos divertiríamos! Caminhadas longas à luz do luar, o carrossel da Cidade Branca, os cachorros-quentes na Praia Coral, os barcos no rio... tudo o que você quiser, querida, basta apenas...

Ela corta seu rompante de alegria, que lhe desperta pena.

— Não vai dar.

— Kim! Uma hora por noite. Só uma. Ou meia hora. Quanto tempo você quiser. Quinze minutos. Cinco. Um minuto para ver você, só isso. Só isso.

Você afunda a cabeça em suas mãos dormentes, mortas, e sente que o contato rápido desperta nela um tremor

involuntário. Ela se afasta, os olhos bem fechados e diz, apenas:

— Tenho medo.

— Por quê?

— Me ensinaram a ter medo, só isso.

— Malditas sejam essas pessoas e seus hábitos e suas superstições antiquadas!

— Conversar não vai acabar com o medo.

Você quer agarrá-la, segurá-la, sacudi-la até que ela entenda, calar seu tremor, confortá-la como se fosse um pássaro selvagem tentando escapar dos seus dedos.

— Pare com isso, pare com isso, Kim!

O tremor dela passa aos poucos, como movimentos numa piscina agitada que, acalmando-se, vão parando. Ela afunda na cama e sua voz parece velha numa garganta jovem.

— Tá certo, querido. — Uma pausa. — Como quiser. — Engole seco. — Como quiser. Se... se vai fazer você feliz.

Você tenta ficar feliz. Tenta explodir de alegria. Tenta sorrir. Olha para baixo, enquanto ela continua falando de um jeito vago:

— Como quiser. Qualquer coisa, querido.

Você se arrisca a dizer:

— Você não vai ficar com medo.

— Ah, não. — A respiração dela tremula. — Não vou ficar.

Você dá desculpas.

— Eu precisava te ver, entende? Precisava mesmo!

Agora os olhos dela brilham e estão focados em você.

— Eu sei, Paul, como você deve se sentir. Vou encontrar você do lado de fora da casa em poucos minutos. Só preciso

inventar uma desculpa para passar pelos meus pais.

Você levanta a janela e põe uma perna para fora, e então se vira para ela antes de desaparecer.

— Kim, eu te amo.

Ela não fala nada, está com o olhar vazio, e fecha a janela quando você sai. Então, ela se afasta, apagando as luzes. Sustentado pela escuridão, você chora, um choro não exatamente de luto, não exatamente de alegria. Você caminha até a esquina para esperá-la.

Do outro lado da rua, passando um arbusto de lilases, um homem caminha retesado. Tem algo de familiar. Você se lembra dele. É o homem que o acossou antes. Também está morto e caminha por um mundo alienígena a ele, apenas por ser um mundo vivo. Ele segue pela rua, à procura de algo.

Agora Kim está ao seu lado.

Um sundae é a coisa mais maravilhosa do mundo. Descansando, gélida, uma pequena montanha branca coberta por uma túnica de chocolate, dentro de um vidro: é isso que você encara com a colher pronta.

Você leva um pouco à boca, sorvendo o frio. Você para. A luz nos seus olhos perde o brilho. Você se recosta, abalado.

— O que foi? — O homem atrás da fonte antiga olha para você, preocupado.

— Nada.

— O sorvete está com gosto esquisito?

— Não, está bom.

— Pousou uma mosca nele? — Ele se inclina.

— Não.

— Você não vai comer? — ele pergunta.

— Não quero mais. — Você afasta o sorvete e seu coração, reduzido a um naco, afunda, precário, entre as paredes solitárias e tristes de seus pulmões. — Estou enjoado. Sem fome. Não consigo comer.

Kim está à sua esquerda, comendo devagar. Ao ver seu gesto, ela também deixa de lado a colher. Não consegue comer.

Você senta-se rijo, encarando o nada. Como contar que os músculos de sua garganta não se contraem mais o suficiente para que a comida passe? Como falar da fome frustrada que arde em você quando observa os músculos gulosos do maxilar de Kim se abrirem e se fecharem, acabando com a frieza branca do sorvete dentro da boca enquanto ela saboreia e aproveita?

Como explicar seu estômago contorcido como um damasco seco, espremido contra o peritônio? Como descrever a corda seca à qual seu intestino foi reduzido? Uma corda enroladinha, como se você a tivesse empilhado no fundo de um poço gelado?

Ao se levantar, você percebe que não tem nenhuma moeda, e Kim paga a conta. Juntos, escancaram a porta e caminham rumo às estrelas.

— Kim...

— Está tudo bem. Eu compreendo — ela diz.

Pegando-o pelo braço, ela caminha em direção ao parque. Sem palavras, você percebe que a mão dela encostava de um jeito muito fraco na sua. Está lá, mas a sensação se perdeu. Abaixo dos pés, a calçada perde a solidez. Ela se move sem choques ou solavancos abaixo de você, como em um sonho.

Só por dizer algo, Kim fala:

— Que cheiro incrível no ar hoje, né? Os lilases se abriram.

Você testa o ar. Não consegue sentir o cheiro de nada. O pânico cresce dentro de si. Tenta de novo, mas não adianta nada.

Duas pessoas passam por você no escuro e, ao fazerem isso, alguém gesticula com a cabeça na direção de vocês; ao se afastarem, alguém comenta, num som que vai desaparecendo:

— Sentiu o cheiro de algo... esquisito? Acho que mataram um cachorro nessa rua hoje...

— Não estou vendo nada...

—... bom...

— KIM! VOLTA AQUI!

Você agarra a mão dela, que se desvencilha. Ela parece ter aguardado por esse momento, num silêncio tenso, apreensivo, algo gracioso. As pessoas passando e trocando aquelas poucas palavras serviram de gatilho para que ela fugisse de você, quase aos gritos.

Você a agarra pelo braço. Sem palavras, luta contra ela. Ela bate em você, se contorce e golpeia seus dedos. Você não consegue senti-la. Não consegue sentir ela fazendo isso!

— Kim! Não faça isso, querida. Não fuja. Não precisa ter medo!

O broche dela cai no chão como se fosse um besouro. Os saltos dos sapatos se arrastam pela superfície dura do pavimento rochoso. Ela está ofegante. Os olhos esbugalhados. Uma das mãos escapa e se estende para trás enquanto ela tenta usar o próprio peso para se libertar. As sombras cercam a sua luta. Só se escutam os barulhos de respiração. O rosto dela

reluz, tenso, não mais suave, todo partido na luz. Não há troca de palavras. Você a puxa em sua direção. Ela o puxa na direção dela. Você tenta falar de um jeito suave e tranquilizador:

— Não deixe que os outros a assustem ao falar de mim. Calma...

As palavras dela são arrancadas a mordidas em sussurros:

— Me solta. Me solta. Me solta.

— Não posso fazer isso.

Outra vez, o movimento sombrio de corpos e braços, sem palavras. Ela afrouxa e fica pendurada, claudicante, soluçando. Ao sentir o seu toque, ela estremece profundamente. Você a puxa para perto, os dentes tilintando.

— Eu quero você, Kim. Não me abandone. Eu tinha tantos planos. Ir para Chicago uma noite. É só uma hora de trem. Me escute. Pense nisso. Dar de comer um ao outro, comida das mais elegantes, com toalha de linho e talheres de prata! Deixar que o vinho nos faça levitar. Nos encher de comida. Mas agora... — você declara de um jeito severo, os olhos brilhando na escuridão das folhas — Agora... — você segura o estômago afinado, pressionando o traidor, essa coisa seca e revirada como um tubo de tinta. — Agora não sinto mais o gelado do sorvete, a succulência das frutas, ou uma torta de maçã ou... ou...

Kim fala.

Você gira a cabeça.

— O que foi que você disse?

Ela repete.

— Fale mais alto — você pede, puxando-a para perto. — Não consigo ouvir. Ela fala e você dá um grito, se inclinando

para perto dela. E não escuta absolutamente nada, a princípio, e então, por trás de uma camada grossa de algodão, a voz dela diz:

— Paul, não adianta. Está vendo? Entende agora?

Você a solta.

— Eu queria ver as luzes de neon. Queria encontrar as flores como elas costumavam ser, tocar suas mãos, seus lábios. Mas, ai meu Deus, primeiro o gosto desaparece, depois não consigo nem comer e a minha pele parece concreto. E agora não consigo mais ouvir sua voz, Kim. É como um eco num mundo perdido.

Uma ventania sacode o universo, mas você não consegue senti-la.

— Paul. Assim não dá. As coisas que você deseja não podem ser alcançadas assim. É preciso mais do que desejo para consegui-las.

— Eu quero beijar você.

— Seus lábios são capazes de sentir algo?

— Não.

— O amor não depende apenas de pensamento, Paul, porque o próprio pensamento é construído a partir dos sentidos. Se não podemos conversar, ouvir um ao outro, ou sentir, ou sentir o cheiro da noite, o gosto da comida, o que resta para nós?

Você sabe que não adianta nada, mas, com uma voz trêmula, insiste:

— Eu ainda consigo *ver* você. E lembro como era ANTES!

— É uma ilusão. A memória é uma ilusão, e só. É como a chama de uma fogueira que precisa ser constantemente

alimentada. E não temos como alimentá-la se você não consegue usar os próprios sentidos.

— Isso é tão injusto! Eu quero viver!

— Você vai viver, Paul, eu prometo. Mas não *DESSA* maneira, desse jeito impossível. Você morreu há mais de meio ano, e eu vou para o hospital daqui a um mês...

Você para. Está gelado. Segurando-a pelos ombros, encara o rosto dela, suave, em movimento.

— Quê?

— Sim. O hospital. Nosso filho. Nosso filho. Está vendo? Não precisava ter voltado. Você está sempre comigo, Paul. Você está vivo. — Ela o obriga a se virar. — Agora, eu te peço, volte. Tudo se equilibra. Acredito nisso. Você pode me deixar uma lembrança sua melhor do que essa, Paul. Tudo vai melhorar, mais cedo ou mais tarde. Volte para o lugar de onde veio.

Nem chorar você consegue. Seus dutos lacrimais estão murchos. A lembrança do bebê surge e soa quase correta. Mas a rebelião interna não será estancada com tanta facilidade. Você se vira mais uma vez para gritar com Kim, mas, sem aviso prévio, ela desaba lentamente no chão. Agachando-se sobre ela, você a escuta balbuciando algumas palavras:

— O choque. O hospital. Rápido. O choque.

Você desce a rua com ela em seus braços. Uma película cinza se forma sobre o seu olho esquerdo.

— Não estou enxergando. O ar está me fazendo mal. Logo ficarei cego dos dois olhos, Kim, isso é tão injusto!

— Tenha fé — ela sussurra de perto, e você mal escuta as palavras.

Começa a correr, cambaleante. Passa um carro. Você grita. O carro para e, logo depois, Kim e o motorista disparam sem emitir ruídos rumo ao hospital.

No meio dessa tempestade, a voz dela se sobressai:

— Tenha fé, Paul. Acredito no futuro. Acredite você também. A natureza não é cruel ou injusta. Existe uma compensação para você em algum lugar.

O seu olho esquerdo agora está completamente cego. O direito enxerga tudo borrado, o que é preocupante.

Kim desapareceu!

Os atendentes do hospital a levam para longe de você, apressados. Você não se despediu dela, nem ela de você! Você fica ali parado do lado de fora, desamparado, e então se vira para se afastar do prédio. Os contornos do mundo estão borrados. Do hospital, começa uma pulsação que transforma seus pensamentos num vermelho pálido. Como um tambor grande e vermelho batendo na sua cabeça, com ritmos altos, suaves, intensos, fáceis.

Você vaga estupidamente pelas ruas, por pouco os carros não o atingem. Você observa pessoas comendo através das vitrines reluzentes. Observa cachorros-quentes suculentos em um restaurante grego. Observa pessoas erguendo garfos e facas. Tudo deslizando na lubrificação insonora do silêncio. Você flutua. Seus ouvidos estão solidamente bloqueados. Seu nariz está entupido. O tambor vermelho soa mais alto, num ritmo constante. Você sente falta e deseja o cheiro de lilases, o gosto do bacon, ou a lembrança do som de um sabiá fatiando o céu com as tesouras de seu bico. Todas essas coisas maravilhosas da memória que você tenta capturar.

Amargurado e enjoado, sacudido por um terremoto de pensamentos e confusão, você se encontra descendo um desfiladeiro no Parque Elísio. Os mortos, hoje os mortos caminham. Eles se reúnem hoje à noite. Lembra do homem que conversou com você? Lembra do que ele disse? Sim, sim, você ainda tem fragmentos de memória. Os mortos vão se reunir hoje à noite, unindo-se para invadir as casas das pessoas vivas e quentes, para matá-las e dizimá-las!

O que inclui a Kim. Kim e o bebê.

Kim vai morrer e terá que cambalear, tatear e tagarelar, fedendo e desmoronando, com ouvidos surdos e olhos cegos, narinas secas e erodidas. Como *você*.

— Não!

O desfiladeiro passa depressa de ambos os lados e sob os seus pés. Você cai, se levanta, cai de novo.

O Líder permanece de pé enquanto você cambaleia na direção dele pelo córrego silencioso. Ofegando com um som rouco, você está diante dele, fechando os punhos, perguntando-se onde estará a horda de mortos-vivos, que você não enxerga. E agora o Líder fala com você, explicando, dando de ombros, irritado:

— Eles não vieram. Nenhum morto apareceu. Você é o único recruta. — Ele se apoia, cansado, na árvore, como se estivesse bêbado. — Aqueles covardes, os porcos perseguidos.

— Que bom. — Sua respiração, ou ilusão de respiração, diminui de velocidade. As palavras dele caem como chuva gelada sobre você, trazendo calma e confiança. — Fico feliz por não lhe darem ouvidos. Devem ter seus motivos para não obedecer. Talvez... — você busca a lógica daquilo... — talvez

tenha acontecido com eles alguma coisa que ainda não somos capazes de entender.

O Líder faz um movimento amargurado com os lábios, jogando a cabeça para trás.

— Eu tinha planos ousados, mas estou sozinho. E agora consigo enxergar a futilidade disso. Mesmo se todos os mortos se levantassem, não seríamos fortes o bastante. Basta um golpe para que nossos membros desmoronem como uma casa incendiada. Nós nos cansamos muito depressa. Acima da terra, nossas discrepâncias se aceleram. Levantar uma sobrancelha é um esforço lento e doloroso. Estou cansado...

Você o deixa para trás. Os resmungos dele desaparecem. As batidas vermelhas pulsam outra vez em sua cabeça como cascos de cavalo na grama macia. Você se afasta do desfiladeiro, desce pela rua, entra no cemitério, em silêncio, decidido.

Seu nome ainda está no túmulo. A cova o aguarda. Você desliza pelo pequeno túnel, para dentro da cavidade de madeira que o espera, e não está mais assustado, com inveja ou empolgado. A remoção completa dos seus vários sentidos deixou pouca coisa além da memória, e até isso parece se dissolver conforme o cetim se desfaz e a caixa de madeira dura amolece. A madeira fica maleável. Você jaz suspenso numa escuridão quente. Consegue até trocar os pés de lugar. Você relaxa.

É dominado pela luxúria de uma sustentação cálida, de profundos pensamentos cor-de-rosa e um ócio tranquilo. Você é como um grande fermento antigo que se contrai, o perímetro

externo de sua velha fetidez desmorona, você é lavado por uma correnteza sussurrante, uma pulsação e movimentos suaves.

O caixão se tornou agora uma concha redonda e escura, deixou de ser um retângulo. Você respira o bastante, não está com fome, nem preocupado, e você é amado. Você é profundamente amado. Você está em segurança. O lugar onde você está sonhando se desloca, contrai e movimenta.

Sonolento. Seu corpo imenso é arrastado em vários movimentos até se tornar pequeno, minúsculo, compacto, certo. Sonolência, sonolência, numa correnteza que cantarola para você dormir. Lentidão. Silêncio. Silêncio.

O que você está tentando lembrar? Um nome brinca na beira do mar. Você corre na sua direção, as ondas o levam embora. Uma pessoa bonita em que você tentou pensar. Alguém. Um horário, um lugar. Ah, tanto sono. Uma escuridão fechada, redonda, o calor, o cansaço. Uma casca à prova de som. Uma correnteza fraca pulsante. Uma contração silenciosa.

Um rio de escuridão carrega seu corpo frágil numa série de curvas e círculos, cada vez mais rápido, mais rápido e ainda mais rápido.

Você irrompe no aberto e é suspenso de cabeça para baixo numa luz amarela brilhante!

O mundo é imenso, como uma nova montanha branca. O sol arde e uma mão vermelha e enorme o agarra pelos dois pés, juntando-os, enquanto outra dá um golpe nas suas costas nuas para forçar um choro.

Uma mulher está embaixo de você, cansada, o rosto perolado de um suor adocicado, e há um maravilhamento

harmônico, fresco e aguçado naquele quarto, naquele mundo. Você chora com sua voz recém-formada. Antes de pontacabeça, você agora é girado para o lado certo, afagado e cuidado por um peito adocicado e apimentado.

Em meio à sua fome, você esquece como falar, como se preocupar, como pensar nas coisas. A voz dela, acima de você, com um cansaço carinhoso, sussurra várias vezes:

— Meu lindo bebezinho. Vai se chamar Paul, em homenagem a ele. Em homenagem a ele...

Você não compreende essas palavras. Algum dia você temeu algo aterrorizante e sombrio, mas não sabia o que era. Algo esquecido no calor da carne e em sua alegria tagarela. Por um instante, um nome surge em sua boca com forma de dedal; você tenta pronunciá-lo, sem saber o que significa, incapaz de dizê-lo, apto apenas a engoli-lo, contente, com um brilho fresco que provém de fontes desconhecidas. O mundo se desvanece rapidamente, deixando para trás uma imagem jubilosa que desaparece com rapidez e logo será apagada, uma imagem de triunfo e risos na curvatura minúscula de sua cabeça tão ocupada:

— Kim! Kim! Ah, Kim!

PILAR DE FOGO

ELE SAIU DA TERRA sentindo ódio. O ódio era seu pai; o ódio era sua mãe. Era bom caminhar outra vez. Era bom saltar para fora da terra, não ficar mais deitado de costas, alongar violentamente seus braços com câimbra e tentar respirar fundo.

Ele *tentou*. Ele gritou.

Não conseguia respirar. Jogou os braços contra o rosto e tentou respirar. Era impossível. Ele caminhava pela terra, ele tinha vindo da terra. Porém, estava morto. Não podia respirar. Podia encher a boca de ar e forçá-lo a descer pela garganta, com movimentos murchos de músculos que passaram muito tempo adormecidos, de um jeito selvagem, selvagem! E com aquele pouco de ar, era capaz de gritar e chorar! Queria ter lágrimas, mas não sabia como fazer com que aparecessem. Tudo o que sabia é que estava de pé, estava morto, não deveria estar caminhando! Não podia respirar e, ainda assim, estava de pé.

Os cheiros do mundo o rodeavam. Frustrado, tentou sentir o odor do outono. O outono queimava a terra, arruinando-a.

Jaziam, por todo o país, as ruínas do verão; florestas vastas floresciam em chamas, troncos de árvores desabavam sobre outros troncos, despídos de folhas. A fumaça da queimada era intensa, azul e invisível.

Ele ficou parado no cemitério, sentindo ódio. Caminhava pelo mundo e não conseguia sentir seu gosto ou cheiro. Ele, sim, ouvia. O vento rugia nas suas orelhas recém-abertas. Mas estava morto. Embora caminhasse, sabia que estava morto e não devia esperar muito de si ou desse detestável mundo vivo.

Tocou na lápide de sua própria cova vazia. Soube outra vez seu nome. Fizeram um bom trabalho no entalhe.

WILLIAM. LANTRY

Era o que a lápide dizia.

Seus dedos tremeram na superfície gelada da pedra.

NASCIDO EM 1898 – MORTO EM 1933

Nascido *outra vez*...?

Em que ano? Ele olhou para o céu. As estrelas outonais da meia-noite se moviam em uma iluminação lenta pela escuridão ventosa. Ele leu a passagem dos séculos naquelas estrelas. Orion e ali estava Auriga. E onde se encontrava Taurus? Lá!

Seus olhos se espremeram. Seus lábios soletraram o ano:
— 2349.

Um número ímpar. Como uma soma escolar. Costumavam dizer que um homem não conseguia dar conta de nenhum número acima de cem. Afinal, tudo era tão abstrato, que nem

valia a pena contar. Estava no ano de 2349! Um numeral, uma soma. E lá estava ele, um homem que ficou deitado em seu detestável caixão escuro, odiando estar enterrado, odiando as pessoas vivas que viviam e viviam e viviam, odiando-as por tantos séculos, até hoje, agora, nascido do ódio, ele ficou de pé ao lado de sua cova que tinha acabado de ser escavada, o cheiro de terra no ar, quem sabe, mas ele não era capaz de senti-lo!

— Eu — ele disse, dirigindo-se a um choupo que sacudia com o vento — sou um anacronismo. — Ele abriu um sorriso fraco.

OLHOU PARA O CEMITÉRIO. Estava gelado e vazio. Todas as pedras tinham sido arrancadas e empilhadas como tijolos, uma em cima da outra, no canto extremo, ao lado da cerca de ferro. Isso ocorreu ao longo de duas infinitas semanas. No seu caixão secreto e profundo, ele escutou a movimentação selvagem e impiedosa de homens que espetavam a terra com pás geladas e arrancavam os caixões para transportar os corpos ressequidos com o intuito de queimá-los. Revirando-se de medo no seu caixão, ele esperou que chegassem até ele.

Hoje tinham chegado ao seu caixão. Mas... tarde demais. Pararam de cavar a poucos centímetros da tampa. Soou o sino das cinco horas, fim do expediente. Voltar para o jantar. Os trabalhadores foram embora. Terminaremos o trabalho amanhã, disseram, ajeitando-se nos seus casacos.

O silêncio chegara ao cemitério vazio.

Cuidadosamente, sem fazer barulho, apenas um ruído suave na relva, a tampa foi levantada.

William Lantry estava de pé e agora tremia no último cemitério da Terra.

— Você se lembra? — ele se perguntou, olhando para a terra remexida. — Lembra daquelas histórias do último homem na Terra? Essas histórias de homens vagando sozinhos pelas ruínas? Bom, você, William Lantry, é uma inversão dessa história antiga. *Sabia* disso? Você é o último morto em todo o mundo!

Não havia mais mortos. Em nenhum lugar naquela terra havia um morto. Impossível? Lantry não sorriu com isso. Não, não era impossível, nessa era estúpida, estéril, sem imaginação, antisséptica, de limpezas e métodos científicos. As pessoas morriam, sim, ai meu Deus. Mas... pessoas *mortas*? Cadáveres? Isso não existia!

O que *acontecia* com as pessoas mortas?

O cemitério ficava num morro. William Lantry caminhou pela noite escura em chamas até chegar à beira do cemitério e olhou para baixo, para a nova cidade de Salem. Pura iluminação e cores. Naves-foguetes cuspiam fogo acima da cidade, cruzando o céu a caminho de todos os portos distantes da Terra.

Dentro da cova, a nova violência desse mundo futuro tinha se infiltrado na terra e pingado em William Lantry. Ele se banhava nela por anos. Sabia tudo a seu respeito, o conhecimento de um morto cheio de ódio.

O mais importante é que sabia o que os idiotas faziam com os mortos.

Ele ergueu os olhos. No centro da cidade, um dedo gigante de pedra apontava para as estrelas. Tinha noventa metros de altura e quinze de largura. Havia uma abertura ampla e uma estrada à frente.

Na cidade, teoricamente, pensou William Lantry, digamos que você está com um moribundo. Em um instante, estará morto. O que acontece? Assim que seu pulso esfria, quando se elabora uma certidão de óbito, seus parentes o colocam num carro funerário e o levam rapidamente para...

O Incinerador!

O dedo funcional, o Pilar de Fogo apontando para as estrelas. Incinerador. Um nome terrível, funcional. Mas a verdade é verdadeira nesse mundo futuro.

Como um graveto para acender a lareira, o sr. Morto é jogado na fornalha.

Uma calha!

William Lantry olhou para o topo daquela pistola gigantesca que apontava para as estrelas. Uma pequena flâmula de fumaça saía da parte de cima.

É para lá que vão os mortos.

— Cuide-se, William Lantry — ele murmurou. — Você é o último, o item mais raro, o último morto. Todos os outros cemitérios da Terra foram explodidos. Esse é o último cemitério e você é o último morto dos séculos. Essas pessoas não acreditam que podem ter mortos por aí, que dirá mortos caminhando. Tudo que não pode ser utilizado é riscado como um fósforo. As superstições vão junto!

Olhou para a cidade. Está certo, ele pensou em silêncio, eu odeio você. Você me odeia, ou *odiaria*, se soubesse que existo.

Você não acredita em vampiros, fantasmas e essas coisas. São nomes para algo que não existe, você grita! Você bufa. Tá bom, pode bufar! Francamente, também não acredito em *você*! Não gosto de você! Você e os seus Incineradores.

Estremeceu. Como chegou perto. Dia após dia, eles arrancavam os outros mortos, queimavam-nos como gravetos. Tinham transmitido um decreto pelo mundo todo. Ouviu os escavadores conversando enquanto trabalhavam!

— Acho que é uma boa ideia, limpar os cemitérios — disse um dos homens.

— Acho que sim — respondeu outro. — Que hábito medonho. Dá pra imaginar? Ser enterrado, quer dizer! Nada higiênico! Todos aqueles germes!

— Até que é uma pena. É um pouco romântico, né. Quer dizer, deixar só esse cemitério intocado por todos esses séculos. Os outros foram esvaziados, em que ano foi mesmo, Jim?

— Por volta de 2260, acho. É, isso aí, 2260, quase cem anos atrás. Mas em algum Comitê de Salem alguém subiu nas tamancas e disse: “Olha, vamos deixar só UM cemitério, para nos lembrarmos dos hábitos dos bárbaros”. E o governo coçou a cabeça, pensou a respeito e disse: “Tá bom. Vai ser em Salem. Mas todos os outros cemitérios precisam ser destruídos, entendeu? Todos!”.

— E foi o que fizeram — disse Jim.

— Sim, acabaram com todos, com fogo, pás a vapor e foguetes-limpadores. Se sabiam que um homem tinha sido enterrado num pasto, consertavam ele! Chamava isso de “evacuar a pessoa”. É meio cruel, eu acho.

— Detesto parecer antiquado, mas ainda vinha um monte de turistas aqui todos os anos, só para ver como era um cemitério de verdade.

— Pois é. Recebemos quase um milhão de pessoas nos últimos três anos. Dava um belo lucro, mas... ordem é ordem. O governo disse: chega de morbidez. Então vamos lá acabar com ela. Me passa a pá, Bill.

William Lantry estava de pé, sob o vento de outono, na colina. Era bom caminhar mais uma vez, sentir o vento e ouvir as folhas farfalhando como ratos correndo na estrada diante dele. Era agradável ver as estrelas frias e amargas quase sopradas pelo vento.

Até sentir medo outra vez era bom, pois agora estava tomado de medo e não conseguia controlá-lo. O próprio fato de estar caminhando fazia dele um inimigo. E não havia um só amigo, um único outro morto, em todo o mundo, alguém a quem pudesse pedir ajuda ou consolo. Todo o mundo de vivos melodramáticos enfrentava um tal de William Lantry. O mundo inteiro de pessoas que não acreditavam em vampiros, que queimavam corpos e aniquilavam cemitérios contra um homem de terno escuro em uma colina escura de outono. Ele estendeu as mãos pálidas e geladas em direção aos postes de luz. Vocês arrancaram os túmulos como se fossem dentes, pensou. Agora vou encontrar uma maneira de transformar seus Incineradores em ruínas. Vou criar novos mortos e fazer amigos assim. Não posso ficar sozinho e solitário. Preciso começar a fabricar amigos logo. Hoje à noite.

— Guerra declarada — ele disse, e riu. Era muito bobo, um homem declarar guerra contra o mundo inteiro.

O mundo não respondeu. Um foguete atravessou o céu num lampejo de chamas, como um Incinerador decolando.

Passos. Lantry se apressou até a borda do cemitério. Os escavadores retornando para terminar o trabalho? Não. Apenas uma pessoa, um homem, caminhando.

Quando o homem chegou ao portão do cemitério, Lantry saiu rapidamente.

— Boa noite — disse o homem, sorrindo.

Lantry deu um soco no homem, que caiu no chão. Lantry se curvou, em silêncio, e deu um golpe fatal no pescoço do sujeito usando a lateral da mão.

Ao arrastar o corpo de volta para as sombras, trocou de roupas com ele. Não seria bom sair vagando por aí com roupas antigas. Encontrou um pequeno canivete no bolso do homem; não chegava a ser uma faca, mas talvez funcionasse se manejado direito. E ele sabia fazer isso.

Ele rolou o cadáver para uma das covas já abertas e exumadas. Em um minuto, jogou algumas pás de terra sobre o corpo, apenas o suficiente para escondê-lo. Havia poucas chances de que fosse localizado. Não cavariam duas vezes a mesma cova.

Ele ajeitou o novo terno de cor metálica, de caimento folgado. Certo, certo.

Sentindo ódio, William Lantry entrou na cidade, para começar a batalha contra a Terra.

O INCINERADOR ESTAVA ABERTO. Nunca fechava. Havia uma entrada ampla, toda iluminada com luzes ocultas, um heliporto

e uma vaga de garagem. A cidade em si morria após um dia de uso do dínamo. As luzes se enfraqueciam, e o único lugar silencioso e iluminado na cidade agora era o Incinerador. Meu Deus, que nome prático, que nome nada romântico.

William Lantry entrou pela porta larga e bem iluminada. Era mais um pórtico, na verdade; não havia portas para abrir ou fechar. As pessoas podiam entrar e sair, verão ou inverno, e o interior estava sempre aquecido. O aquecimento vinha do fogo que subia, sussurrante, pela alta chaminé onde lâminas rodopiantes, hélices e jatos lançavam as cinzas em uma jornada de quinze quilômetros pelo céu.

Havia o calor da padaria. As salas tinham um piso de parquet de borracha. Era possível não fazer barulho algum se você não quisesse. A música tocava em gargantas ocultas em algum lugar. Não havia nada de música da morte, apenas a música da vida e a maneira como o Sol vivia dentro do Incinerador; ou o irmão do Sol, ao menos. Era possível ouvir as chamas flutuando dentro da parede de tijolos pesada.

William Lantry desceu pela rampa. Atrás dele, escutou um sussurro e se virou em tempo de ver um carro parar na entrada. Soou a campainha. A música, como se aquilo fosse um sinal, aumentou de volume, atingindo níveis extasiantes. Havia alegria no ato.

Do carro funerário, que foi aberto por trás, algumas pessoas desceram carregando um caixão dourado com dois metros de comprimento e símbolos solares. Em outro carro, os parentes do homem acomodado na caixa desceram e seguiram os sujeitos que carregavam o caixão dourado por uma rampa, em direção a uma espécie de altar. Na lateral do altar estava

escrito: “NÓS, QUE NASCEMOS DO SOL, AO SOL RETORNAMOS”. O caixão dourado foi depositado sobre o altar, o volume da música deu um salto, o Guardião do local falou apenas algumas poucas palavras e os funcionários ergueram o caixão dourado, caminharam até uma parede transparente onde havia uma trava de segurança também transparente e a abriram. O caixão foi enfiado dentro desse buraco de vidro. Um instante depois, abriu-se uma trava interna, o caixão foi injetado para dentro da chaminé e desapareceu no mesmo instante numa chama rápida.

Os funcionários se afastaram. Os parentes não disseram uma palavra, apenas se viraram e foram embora. A música continuou a tocar.

William Lantry se aproximou da trava de vidro. Ele olhou através da parede para o coração vasto, cintilante e incessante do Incinerador. Ele queimava de forma constante, sem tremular, cantando para si, tranquilamente. Era tão sólido quanto um rio dourado fluindo da terra para o céu. Qualquer coisa que você colocasse no rio ascendia e desaparecia.

Lantry sentiu mais uma vez seu ódio irracional em relação àquela coisa, aquele fogo monstruoso e purificador.

Um homem parou atrás dele.

— Posso ajudá-lo, senhor?

— Quê? — Lantry se virou abruptamente. — O que foi que você disse?

— Como posso ajudá-lo?

— Eu... quer dizer... — Lantry olhou rapidamente para a rampa e a porta. Suas mãos tremiam. — Nunca estive aqui antes.

— Nunca? — O Funcionário ficou surpreso.

Lantry percebeu que tinha dito a coisa errada. Mas, de todo modo, já tinha dito. — Quer dizer... — ele falou — não tinha vindo de verdade aqui. Sabe, quando você é criança, você não presta atenção. De repente me dei conta de que não *conhecia* de fato o Incinerador.

O Funcionário sorriu.

— Nunca conhecemos nada de fato, não é? Será um prazer mostrar o lugar ao senhor.

— Ah, não. Deixa pra lá. É... é um lugar incrível.

— É mesmo. — O Funcionário se orgulhou daquilo. — Um dos melhores do mundo, creio eu.

— Eu... — Lantry sentiu necessidade de se explicar melhor. — Poucos parentes meus morreram desde a minha infância. Na verdade, nenhum. Então, como pode ver, faz muitos anos que não venho aqui.

— Entendi. — O rosto do Funcionário pareceu ficar mais sombrio.

O que foi que eu disse agora, pensou Lantry. Que diabos tem de errado? O que foi que eu fiz? Se não tomar cuidado, vão me enfiar direto nessa maldita armadilha de fogo. O que tem de errado no rosto desse camarada? Ele parece estar prestando mais atenção em mim do que o normal.

— Você não é, por acaso, um dos homens que acaba de retornar de Marte, não é? — perguntou o Funcionário.

— Não, por que a pergunta?

— Por nada, não. — O Funcionário começou a se afastar. — Se quiser saber alguma coisa, é só chamar.

— Só uma coisa — falou Lantry.

— O quê?

— Isso.

Lantry deu um golpe atordoante no pescoço dele.

Ele havia observado com olhos de especialista o funcionamento do sistema de fogo. Agora, com o corpo mole em seus braços, apertou o botão que abria a trava externa, colocou o corpo, ouviu a música aumentando de volume e viu a trava interna se abrir. O corpo foi lançado no rio de fogo. O volume da música baixou.

— Muito bem, Lantry, muito bem.

UM INSTANTE DEPOIS, outro Funcionário entrou na sala. Lantry foi pego com uma expressão de entusiasmo contente no rosto. O Funcionário olhou ao redor, procurando alguém, e então caminhou na direção de Lantry.

— Posso ajudá-lo?

— Estou só olhando — disse Lantry.

— Já está tarde — falou o Funcionário.

— Não consegui dormir.

Essa também era uma resposta errada. Todo mundo dormia nesse mundo. Ninguém tinha insônia. Se tivessem, bastava ligar um raio hipnotizador e, sessenta segundos depois, você já estaria roncando. Ah, ele estava *repleto* de respostas erradas. Primeiro, cometeu o erro fatal de dizer que nunca estivera num Incinerador, quando sabia muito bem que as crianças eram levadas ali em tours anuais desde os quatro anos de idade, para que se incutisse em suas mentes a ideia do Incinerador e da morte limpa pelo fogo. A morte eram as

chamas claras, a morte era calor e sol. Não era algo escuro, sombrio. Isso era importante para a formação delas. E ele, um idiota pálido, cabeça-oca, expusera de imediato a sua ignorância.

Além disso, tinha a questão da palidez. Ele olhou para as mãos e notou, com terror crescente, que não havia homens pálidos nesse mundo. Suspeitariam de sua palidez. Por isso o primeiro funcionário perguntou:

— Você é um dos que acabam de voltar de Marte? — Agora esse novo Funcionário era limpinho e reluzente como uma moeda de cobre, as bochechas vermelhas de saúde e energia. Lantry escondeu as mãos pálidas no bolso, mas estava de todo ciente que o Funcionário examinava seu rosto.

— O que eu quis dizer — falou Lantry — é que eu não *queria* dormir. Queria pensar.

— Houve um funeral aqui há pouco? — perguntou o Funcionário, olhando ao redor.

— Não sei, acabei de chegar.

— Tive a impressão de ouvir o barulho da trava.

— Não sei — respondeu Lantry.

O homem apertou um botão na parede.

— Anderson?

Uma voz respondeu:

— Sim.

— Pode localizar o Saul para mim?

— Vou chamar pelos corredores. — Uma pausa. — Não consegui encontrá-lo.

— Obrigado. — O Funcionário estava intrigado. Começava a fazer gestos de quem fareja com o nariz. — Você está

sentindo um *cheiro*?

Lantry fungou.

— Não. Por quê?

— Sinto o *cheiro* de algo.

Lantry pegou o canivete no bolso. Aguardou.

— Lembro de quando era criança — disse o homem. — E encontramos uma vaca morta no campo. Tinha passado dois dias no calor do sol. É o mesmo cheiro. Eu me pergunto de onde está vindo.

— Ah, eu sei o que é — respondeu Lantry, em voz baixa. Ele estendeu a mão. — Daqui.

— Quê?

— Está vindo de mim, é claro.

— De você?

— Morto há centenas de anos.

— Você tem um humor esquisito. — O Funcionário estava intrigado.

— Muito. — Lantry puxou a faca. — Sabe o que é isso?

— Uma faca.

— Vocês ainda usam facas nas pessoas?

— Como assim?

— Quer dizer, como vocês se matam? Com facas, armas ou veneno?

— Você tem um humor esquisito *mesmo*! — o homem gargalhou, desconfortável.

— Vou matar você — disse Lantry.

— Ninguém mata ninguém — falou o homem.

— Não matam mais. Mas, antigamente, matavam.

— Eu sei.

— Esse vai ser o primeiro assassinato em trezentos anos. Eu acabo de matar o seu amigo. Enfiei ele na chaminé.

O comentário provocou o efeito desejado. Deixou o homem tão atordoado, tão paralisado nos aspectos ilógicos, que Lantry teve tempo de avançar. Colocou a faca contra o peito do homem.

— Vou matar você.

— Isso é idiotice — respondeu o homem, aturdido. — As pessoas não fazem isso.

— Desse jeito — disse Lantry. — Está vendo?

A faca deslizou para dentro do peito dele. O homem a encarou por um instante. Lantry segurou o corpo, que caía.

O FUMEIRO DE SALEM EXPLODIU às seis da manhã. A grande chaminé se espatifou em dez mil pedaços e foi arremessada na terra, no céu e nos lares das pessoas adormecidas. Houve fogo e ruído, mais fogo do que as queimadas de outono nos morros.

William Lantry estava a oito quilômetros de distância quando a explosão ocorreu. Viu a cidade se acender com a cremação que se espalhava. E sacudiu a cabeça e riu um pouco e espalmou as mãos.

Era relativamente simples. Você vagava por aí matando pessoas que não acreditavam em assassinato, que só tinham ouvido relatos indiretos a respeito disso, como se fosse um hábito esquecido das antigas raças bárbaras. Você caminhava até a sala de controle do Incinerador e perguntava “Como funciona esse Incinerador?”, e o responsável pela operação contava, porque todos falavam a verdade no mundo do futuro,

ninguém mentia, não havia motivos para mentir, não havia perigos pelos quais mentir. Só existia um criminoso no mundo, e ninguém sabia que ELE ainda existia.

Ah, era uma situação incrível de tão linda. O Homem do Controle tinha acabado de explicar como funcionava o Incinerador, que medidores de pressão controlavam o fluxo de gases que subiam pela chaminé, que alavancas eram ajustadas ou reajustadas. Ele e Lantry tiveram uma boa de uma conversa. Era um mundo livre e fácil. As pessoas confiavam umas nas outras. Logo em seguida, Lantry enfiou uma faca no Homem do Controle, ajustou para que a pressão estourasse meia hora depois e foi embora do Incinerador a pé, assoviando.

Agora, até mesmo o céu estava pálido graças à vasta nuvem preta da explosão.

— Esse foi apenas o primeiro — disse Lantry, olhando o céu. — Vou acabar com os outros antes de suspeitarem que existe um homem antiético na sociedade deles. Não conseguem lidar com uma variável como eu. Estou além de sua compreensão. Sou incompreensível, impossível, portanto, não existo. Meu Deus, posso matar centenas de milhares de pessoas antes de se darem conta de que os assassinatos voltaram ao mundo. Sempre posso fazer parecer que foi um acidente. A ideia é tão grandiosa que chega a ser inacreditável!

As chamas queimavam a cidade. Ele ficou sentado sob uma árvore por um bom tempo, até de manhã. Então encontrou uma caverna na colina, entrou e dormiu.

Ele acordou no pôr do sol com um sonho repentino de fogo. Enxergou-se sendo empurrado para a chaminé, fatiado

pelas chamas, carbonizado até virar nada. Sentou-se no chão da caverna, rindo consigo mesmo. Teve uma ideia.

Ele desceu até a cidade e entrou numa cabine de som. Discou OPERADOR.

— Passa pro Departamento de Polícia — ele disse.

— Como é que é? — perguntou a operadora.

Tentou outra vez.

— A Força da Lei — ele disse.

— Vou passar para o Controle da Paz — ela disse, enfim.

Um pequeno medo começou a pulsar dentro dele, como um pequeno relógio. E se a operadora reconhecesse que Departamento de Polícia era um anacronismo, anotasse o número do seu áudio e o encaminhasse para que alguém investigasse? Não, ela não faria uma coisa dessas. Por que ela suspeitaria de algo? Não existiam paranoicos nessa civilização.

— Controle da Paz, isso — ele disse.

Um zumbido. Atendeu a voz de um homem:

— Controle da Paz, aqui é o Stephens.

— Pode me passar para o setor de homicídios? — perguntou Lantry, sorrindo.

— Para *onde*?

— Quem investiga assassinatos?

— Perdão, mas do que o senhor está falando?

— Engano, número errado. — Lantry desligou, gargalhando. Meu Deus, não havia um setor de homicídios. Não havia assassinatos, não precisavam de detetives. Perfeito, perfeito!

O áudio voltou a tocar. Lantry hesitou, e então atendeu.

— Diga — perguntou a voz no telefone —, *quem é você?*

— O homem que ligou foi embora — disse Lantry, e desligou outra vez.

Saiu correndo. Reconheceriam a sua voz e talvez enviariam alguém para averiguar. As pessoas não mentiam. Ele tinha acabado de mentir. Conheciam a sua voz. Ele havia mentido. Quem mentia precisava de um psiquiatra. Iam buscá-lo para descobrir por que estava mentindo. Só por isso. Não suspeitavam de mais nada. Portanto... ele precisava sair correndo.

Ah, agora precisava agir de maneira muito cuidadosa. Não sabia nada a respeito desse mundo, desse mundo estranho, verdadeiro e ético. Você se tornava suspeito apenas por parecer pálido. Você era suspeito por não dormir à noite. Só por não tomar banho, por ter um cheiro parecido ao de uma... vaca morta? Por qualquer coisa.

Precisava ir a uma biblioteca, mas isso também seria perigoso. Como eram as bibliotecas hoje em dia? Havia livros ou rolos de filme que projetavam livros em telas? Ou as pessoas tinham bibliotecas em casa, eliminando a necessidade das grandes?

Decidiu arriscar. Seu uso de termos arcaicos poderia muito bem torná-lo suspeito outra vez, mas era muito importante que ele aprendesse todo o possível sobre esse mundo asqueroso ao qual retornara. Parou um homem na rua.

— Qual é o caminho para a biblioteca?

O homem não ficou surpreso.

— Duas quadras para o leste, uma para o norte.

— Obrigado.

Simple assim.

Ele entrou na biblioteca poucos minutos depois.

— Posso ajudar?

Ele olhou para a bibliotecária. Posso ajudar, posso ajudar. Que mundo cheio de gente prestativa!

— Gostaria de “acessar” Edgar Allan Poe. — Escolheu com cuidado o verbo. Não disse “ler”. Tinha medo que os livros fossem coisa do passado, que a impressão fosse uma arte perdida. Talvez todos os “livros” de hoje estivessem na forma de filmes tridimensionais completamente delineados. Como diabos seria possível fazer um filme a partir de Sócrates, Schopenhauer, Nietzsche e Freud?

— Pode repetir o nome?

— Edgar Allan Poe.

— Não temos esse autor listado em nossos arquivos.

— Pode conferir?

Ela conferiu.

— Ah, sim. Tem um marcador vermelho no arquivo. Foi um dos autores eliminados na Grande Queima de 2265.

— Como sou ignorante.

— Tudo bem — ela disse. — Você ouviu falar muito nele?

— Ele tinha umas ideias bárbaras a respeito da morte — disse Lantry.

— Terríveis — ela disse, franzindo o nariz. — Medonhas.

— Sim. Medonhas. Abomináveis, na verdade. Ainda bem que foi queimado. Impuro. Por sinal, você tem *Sussurros na Escuridão*, do Lovecraft?

— É um livro sobre sexo?

Lantry explodiu numa gargalhada.

— Não, não. Deixa pra lá.

Ela percorreu o arquivo.

— Também foi queimado. Junto com os de Poe.

— Imagino que o mesmo tenha ocorrido com os de Machen, do homem chamado Derleth e de outro chamado Ambrose Bierce, certo?

— Sim. — Ela fechou o armário de arquivos. — Todos queimados. E já foram tarde. — Lançou um olhar esquisito, interessada. — Aposto que você acaba de voltar de Marte.

— Por que você acha isso?

— Passou outro explorador aqui ontem. Ele tinha acabado de dar um pulo em Marte e voltado. Também estava interessado em literatura sobrenatural. Parece que existem “túmulos” em Marte.

— O que são “túmulos”? — Lantry estava aprendendo a ficar de bico fechado.

— Ah, aquelas coisas onde enterravam as pessoas, sabe.

— Um costume bárbaro. Medonho!

— Não é? Bom, o jovem explorador ficou curioso ao ver túmulos marcianos. Ele veio aqui e perguntou se tínhamos algum desses autores que você mencionou. Claro que não temos nem rastro disso aqui. — Ela fitou o rosto pálido dele.

— Você é um dos homens que foram para Marte, não?

— Sim — ele disse. — Acabei de voltar.

— O nome do outro jovem era Burke.

— Claro. Burke! Grande amigo meu!

— Sinto muito por não poder ajudar. Você deveria tomar umas injeções de vitamina e usar uma lâmpada de sol. Está com uma aparência terrível, senhor...